

PAULO SCOTT

# Marrom e Amarelo

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by Paulo Scott

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de quarta capa e capa*

Sem título (2015, Brasil), de Sidney Amaral, guache.

*Preparação*

Fernanda Villa Nova

*Revisão*

Clara Diamant

Luciane Helena Gomide

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Scott, Paulo  
Marrom e Amarelo / Paulo Scott. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN: 978-85-5652-091-3

1. Ficção brasileira I. Título.

---

19-27902

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*Ao meu pai*

O funcionário que me acompanhava se adiantou, abriu a porta sem pedir licença, entrou e fez sinal pra eu entrar também. Fiquei diante daqueles oito desconhecidos que aguardavam por mim, aqueles oito que faziam parte da comissão idealizada pelo novo governo pra achar uma solução adequada, candidata a ser uma das tantas soluções adequadas equivocadas do novo governo, pro caos que, de súbito, tinha se tornado a aplicação da política de cotas raciais pra estudantes no Brasil, país sonâmbulo, gigante ex-colônia da coroa portuguesa na América do Sul, rotulado mundo afora como o lugar da harmonia étnica, da miscigenação que tinha dado certo, lugar onde a prática de homens brancos estuprando mulheres negras e mulheres indígenas tinha corrido solta por séculos e, como em quase todas as terras batizadas de O Novo Mundo, tinha sido assimilada, atenuada, esquecida, onde, no século xx, nunca ninguém ousou, ao menos não a sério, promulgar lei escrita que proibisse negro de se juntar com branco, branco de se juntar com indígena, indígena de se juntar com negro, país número um isolado no ranking das supostas democracias raciais do planeta, estandarte dum tipo de cordialidade única, episódica, indecifrável, que os desavisados generalizavam como sendo a incomparável cordialidade brasileira. Sem aguardar que eu ou um dos oito falássemos qualquer coisa, o funcionário começou a me apresentar, errando logo de cara, como várias pessoas desatentas também erravam, o meu primeiro nome, me chamando de Frederico, e não Federico, mesmo tendo diante dos olhos a folha A4 onde estava impresso em fonte Arial tamanho catorze um breve currículo com o meu nome na grafia correta, currículo que ele, desconsiderando a existência dum troço chamado Wikipédia, só podia ter montado a partir de notícias que catou sem qualquer critério na internet. Informou que

eu tinha sido um dos idealizadores do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que era um importante pesquisador das temáticas da hierarquia cromática entre peles, da pigmentocracia e sua lógica no Brasil, da perversidade do colorismo, das políticas compensatórias e sua incompreensão pelas elites, que assessorava ONGs no Brasil, na América Latina e no mundo afora, que eu tinha sido consultor da Adidas, sim, da Adidas, a famosa empresa de produtos esportivos de alta performance fundada na Alemanha, ele teve o desatino de enfatizar, como se fosse o ponto alto da minha biografia, e pensei em interrompê-lo, explicar que nunca tinha sido consultor da Adidas porcaria nenhuma, que só intermediei o contato numa agência que fazia publicidade pra eles com artistas do grafite de rua de Brasília pruma série de vídeos feitos pra rodar no Vimeo, no YouTube, no Instagram, ação inspirada numa velha campanha produzida nos Estados Unidos nos anos mil novecentos e oitenta em torno do slogan skate não é crime, mas acabei não interrompendo, deixei que prosseguisse pro bem da minha pressão arterial de homem de quarenta e nove anos mantida sob controle à base de Naprix cinco miligramas ingerido todos os dias pela manhã e último indicado pelo ilustríssimo senhor novo presidente da República pra integrar aquele grupo de pretensos notáveis, e quando chegou ao fim, não sem antes aplicar de leve um tapinha de boa sorte nas minhas costas, ele, o funcionário que errou o meu nome, se retirou.

Sentei na cadeira mais próxima ciente de que os oito esperavam de mim algo que justificasse minha chegada nos minutos finais daquele primeiro encontro. Na minha cabeça, no entanto, o que prevalecia era o desconforto causado pela distância da minha cadeira às cadeiras deles, as oito aglutinadas à extremidade oposta da mesa oval gigante, e também o contraste da minha camiseta skate freestyle XXL com a cara do Ice Blue dos Racionais MC's estampada bem grande no peito, da calça Drop Dead cor laranja costurada com linha azul-marinho que eu estava vestindo e do tênis Rainha VL Paulista preto com cinza todo detonado, e nada aleatório, que eu estava calçando em relação às roupas deles, e a minha desconfiança canina em relação

a eles, e os flashbacks emergindo e se emaranhando na minha cabeça. A conversa que a minha mãe teve comigo e com o meu irmão Lourenço quando eu tinha sete anos e ele seis pra tentar diminuir a perplexidade desencadeada nele pelos insultos saídos das bocas sujas de três coleguinhas bastardinhos do pré-escolar, coleguinhas que, logo no segundo dia de aula, xingaram ele de saci, picolé de piche, gorila Maguila, porque numa brincadeira de pega-pega no recreio ele não se submeteu aos comandos deles como uma criança brasileira considerada negra, no código civil imaginário das crianças brasileiras consideradas brancas naquele ano de mil novecentos e setenta e três, deveria se submeter, as pregações da minha mãe, que passaram a acontecer com frequência ainda naquele ano de setenta e três, porque eu, querendo confrontá-la, querendo responsabilizá-la pela diferença que antes não existia daquela forma agressiva na minha vida e na do meu irmão, diferença que passou a se repetir nas frases saídas das bocas não dum trio de capetas irrelevantes da pré-escola, mas de outros alunos, de alguns funcionários e possivelmente até de alguma professora mais descuidada daquele lugar, frases sobre não sermos irmãos de verdade, irmãos de sangue de verdade, sobre um de nós ser adotado, mesmo ele respondendo e eu respondendo, como crianças respondiam entregando tudo que lhes pertencesse, sim, a gente é irmão de verdade, porque, no padrão dos que perguntavam, no padrão de Porto Alegre, no padrão do Brasil daquele ano de setenta e três, eu, de pele bem clara, cabelo liso castanho bem claro puxando pro loiro, era considerado um branco, e ele, o meu irmão, de pele marrom escura, cabelo crespo castanho-escuro beirando o preto, embora com o mesmo nariz adunco e médio largo que o meu e a mesma boca de lábio superior fino e lábio inferior grosso que a minha, era considerado um negro, querendo perguntar pra ela de qual raça a gente era, e ela responder que cores e raças não importavam, que no carocinho éramos todos iguais, e eu insistir, então, sem dar a mínima pro fato de que nas certidões de nascimento lavradas no Tabelionato da Segunda Zona de Registro Civil de Nascimentos, Casamentos e Óbitos de Porto Alegre, nos critérios notariais praticados na década de mil novecentos e sessenta no extremo sul do Brasil, tanto eu quanto ele estávamos registrados como sendo de cor mista, ela garantir, quem

sabe dizendo pra si mesma em pensamento que aquilo dum filho sofrer um tipo de violência que o outro filho jamais sofreria talvez fosse uma puta sacanagem, uma puta rasteira do destino, garantir em fala que seria repetida muitas vezes não só naquele ano de setenta e três, mas por toda minha infância, que éramos negros, que a nossa família, ela, de pele clara, cabelo liso castanho, meu pai, de pele escura, menos escura que a pele do meu irmão, cabelo preto bem crespo, o meu irmão e eu, éramos uma família negra, o meu aniversário de sete anos, quando a minha tia, a irmã da minha mãe, apareceu com os dois filhos, considerados brancos pros padrões de mil novecentos e setenta e quatro e pras décadas seguintes também, e com um primo deles, um metidinho a galo, todo orgulhoso da sua branquitude ali na festa de gente escura, um que tinha a minha idade, que, num momento de ruído na dinâmica de crianças se entrosando numa festa de aniversário, me elegeru seu oponente e ficou dizendo que, apesar daquele meu cabelo lambido, clareado do sol, o cabelo do meu pai era carapinha, era pixaim, e só servia pra limpar o barro da sola do sapato do pai dele, que era branco e tinha cabelo loiro de verdade e liso de verdade, o que me fez aguardar o término da série de brincadeiras da fase crianças que se entrosaram numa festa de aniversário, quando todas estivessem cansadas, entediadas ou distraídas, aguardar o momento em que ele, o metido a galo, acabaria se descuidando e se afastando da área de observação e resgate dos adultos, pra me aproximar e, igual a todos os filmes de terror a que eu já tinha assistido nos três canais da tevê daquele tempo, levar as mãos até o pescoço dele, prensá-lo contra a parede e começar a esganá-lo, grunhindo vou te matar, depois meu pai vai matar o teu, e só não levar o estrangulamento a consequências mais graves porque meus dois primos, alguns anos mais velhos do que eu, mas de porte físico menos avantajado do que o meu, se agarraram nos meus braços, me obrigando a interromper a única reação que me pareceu justa, a de acabar com aquele guri, acabar com qualquer branco que falasse mal do meu pai, um início de feriadão, e o meu pai se preparando pra sair de casa até o campo de futebol do Parque Municipal Ararigboia, onde ia disputar um torneio quadrangular entre times da polícia civil e da polícia militar, e minha mãe pedindo pra ele me levar junto, e ele

dizer que não dava porque ia ser um torneio bastante tenso, como costumava ser bastante tensa a relação entre as duas polícias, e além do mais não ia ter quem cuidasse de mim, e ela dizer que tinha certeza de que ele ia encontrar uma solução, e ele ficar contrariado, mas acabar cedendo ao pedido dela, e no Ararigboia ele, o meu pai, descobrir que o treinador do seu time não pôde comparecer porque teve uma crise de cálculo renal e estava medicado em casa e que ele era o único com tino suficiente pra ficar na vaga de técnico, que pelo regulamento do torneio não podia ficar desocupada, e me deixar com quatro caras que já estavam vestidos com o uniforme do time enquanto ele ia resolver as pendengas de substituição do nome do técnico que não apareceu e da inclusão do novo jogador, o que entraria no seu lugar, na ficha de inscrição e na pré-súmula, e do mais alto entre os caras uniformizados, um branco meio careca, logo depois do meu pai se afastar na direção da outra lateral do campo, perguntar esse guri é mesmo filho do Ênio, um dos outros três responder é parecido com o Ênio, os outros dois ficarem em silêncio, o mais alto branco meio careca insistir mas é branco demais, um quinto cara fardado com o mesmo uniforme deles surgir por trás de mim e em seguida perguntar pros outros temos novo contratado no time, depois, sem me dar tempo de reação, perguntar qual teu nome, e eu responder que era Federico, tentando olhar pro rosto dele, mas tendo dificuldade porque ele estava na direção de onde vinha a luz do sol, e o cara alto branco meio careca dizer que eu era o filho do Ênio, e o recém-chegado dizer bah, que legal, um gurizão forte, igual ao pai, e passar a mão pesada na minha cabeça dizendo bah, Federico, tu tá com jeito de quem vai ser zagueiro moedor de centroavante, olha a grossura das pernas desse piá, cambada, tô botando minhas ficha em ti, e sair na mesma direção do meu pai, e d'eu voltar a atenção pro cara alto branco meio careca, e o cara alto branco meio careca, com um sorriso de peixe morto, ficar olhando pros outros três enquanto coçava o queixo e, em microintervalos frenéticos, ficar olhando pra mim também, o dia duma semana em que faltou água por cinco dias na Zona Leste de Porto Alegre atingindo a rua onde a gente morava, e meu pai nos levando, pela terceira noite seguida, até um dos prédios onde trabalhava como perito da polícia civil, onde enchíamos dois



galões com água potável e tomávamos banho, e era tarde da noite, e eu e meu irmão estávamos excitados, um excitação que vinha do fato de não termos água em casa pelo quarto dia seguido, de ser tarde, por volta das onze da noite, mas que vinha também da discussão, tipo de discussão sem motivo que costumávamos ter naqueles dias daquela fase irmãos que se enfrentam, discussão que começou com um vou tomar banho primeiro, que teve como resposta um não, mas não vai mesmo, tu já tomou banho primeiro ontem e antes de ontem, hoje eu é que vou na frente, discussão que se alongou e que no momento da saída do meu pai do banheiro já tinha virado empurrões e ofensas, eu atacando meu irmão com vai se foder, neguinho burro tapado de merda, e ele contra-atacando com vai tomar no teu cu, bicha-louca sarará recalçada, meu pai empregava a palavra recalçado quando queria se referir aos negros de pele mais clara que alisavam o cabelo e tinham pavor mortal de ser apontados como negros mulatos, reconhecidos como negros por quem não fosse negro, e aquilo acabou sendo o suficiente pra que ele deixasse a toalha molhada de lado, agarrasse nós dois pela gola das camisetas e nos levasse até a sala de treinamento e musculação daquele prédio da polícia civil, um miniginásio onde além dos aparelhos de malhar tinha um ringue de piso almofadado pra combates de judô e pugilismo, acender as luzes, fazer a gente subir no ringue, pegar uma corda de pular dizendo que se a gente queria brigar então ele ia fazer a gente brigar, atirar dois pares de luvas próximo dos nossos pés, mandar a gente vesti-las, dizer que se a gente não lutasse, e enquanto lutasse não continuasse ofendendo um ao outro, ele ia nos surrar com aquela corda, eu olhar pra ele, pedir desculpas, ele dizer pra eu não pedir desculpas pra ele, dizer que eu, sendo o mais velho, era o que tinha de dar exemplo, mandar a gente vestir as luvas numa vez e se abraçar, ficar de rostos colados um no do outro, pegar a corda e nos amarrar apertado dizendo que íamos ficar ali grudados um no outro pra pensar no que levava um irmão a depreciar o outro irmão como a gente estava fazendo, apagar as luzes do miniginásio e sair, trancando a porta a chave, voltar vinte minutos depois pra nos encontrar desamarrados, deitados no piso do ringue, um ao lado do outro, a manhã numa quarta-feira quando um cara da minha turma da oitava série, um cara tímido e bom aluno com

quem eu até me dava bem, sem que ninguém percebesse, colocou duas bananas na mochila duma colega no intervalo das aulas, e ela, uma das raras estudantes negras daquela escola, ao voltar pra sala acompanhada de outras duas colegas, percebendo que a mochila não estava na posição e no lugar onde tinha deixado, abriu o zíper e encontrou o saco de papel pardo com as frutas dentro, saco de papel onde se via escrito com pincel atômico EXPRESSO ZOOLOGICO, e uma das que a acompanhavam gritou ai, meu Jesus do céu, e ficou repetindo zoológico, bananas, que horror, que desumanidade, que falta de respeito, desfazendo qualquer chance da situação passar despercebida pelo resto da turma, cara que acabou desmascarado porque era da seleção de basquete do colégio e eu também era da seleção de basquete do colégio, e no dia seguinte, antes de começar o treino, quando cheguei no vestiário pra trocar de roupa, surpreendi ele se vangloriando pra dois outros alunos, dois que faziam parte da seleção de handebol, que treinava no horário anterior ao nosso, com certeza os dois mais mentalmente perturbados da equipe de handebol, a equipe mais mentalmente perturbada de todas as equipes da escola, e quando um deles perguntou sobre ela feder muito ou pouco foi que notaram a minha presença, se dando conta de que eu estava lá fazendo nada além de escutá-los, e eu não dar satisfação, e treinar como se nada tivesse acontecido, e no dia seguinte, tomado por uma frieza absoluta, ir até a sala do vice-diretor da escola e delatá-lo, o que resultou na suspensão dele da escola e na minha exclusão sumária do círculo dos atletas-durões da equipe de basquete pela maior parte dos caras da equipe, maior parte que passou a me chamar de traíra-dedo-duro e a me boicotar de todas as formas até que, dois meses depois, eu, que era um dos mais casca-grossas daquela merda de círculo dos atletas-durões da seleção de basquete da escola, desistisse dos treinos e desistisse do basquete, um sábado de outubro de mil novecentos e oitenta e dois em que menti pros meus pais e até pra Bárbara, com quem eu começava a desenvolver um relacionamento que podia ser classificado como sendo namoro de escola, que ia de carona com outros dois colegas de escola pra casa da família dum deles em Gramado e que ia voltar no domingo à noite, quando na verdade fui sozinho de ônibus pra Caxias do Sul pro Cio da Terra, um evento

que estava acontecendo nos pavilhões do Parque de Eventos Festa da Uva e que tinha sido divulgado pelos organizadores como o primeiro encontro livre da juventude gaúcha, um festival de artes e debates onde não ia ter censura, não ia ter repressão sexual, não ia ter polícia, não ia ter milico carregando fuzil e enchendo o saco, e lá me juntei a uns caras que acabei conhecendo na rodoviária pra rachar uns garrafões de vinho, umas cucas, uma peça de queijo da colônia e umas pernas de salame de porco, matar a sede, a fome, e depois me separei, fiquei circulando entre os grupos de pessoas espalhados pelo parque, escutando os shows de longe, observando, tentando aprender o que aqueles hippies todos mais velhos do que eu sabiam e eu ainda não, e só na hora do show do Ednardo, lá pelas três da manhã, resolvi me aproximar pra assistir, ficar a uns cinquenta metros do palco, absorvido pelos versos da letra, até, quase no final da apresentação, um homem branco duns cinquenta anos, meio em transe, passar falando, em loop, não tô vendo a juventude negra aqui, e eu, negociando com a sobriedade que naquele ano foi o padrão da minha vida sem graça, alterada só um pouco pelas loucuras de Bárbara, seguir atrás dele, mantendo distância, falando também não tô vendo a juventude negra aqui, circulando e reproduzindo a frase, mesmo depois dele, ao perceber que tinha um guri mala seguindo seus passos, ter desistido do transe, da circulação e da fala.

Uns me encaravam, outros olhavam pros visores dos seus celulares, provavelmente dando Google no meu nome, sondando o que pudessem sondar a meu respeito, já que eu não tinha figurado junto deles na lista de nomeação publicada às pressas no *Diário Oficial da União* na semana antes pelo novo governo, na lista que foi repassada pra imprensa, na lista que em tese devia aplacar os ânimos dos alunos negros, indígenas e brancos em conflito nas universidades do país, mas que, depois foi constatado e divulgado em todas as mídias, acabou tendo efeito idêntico ao de jogar gasolina numa fogueira. E então me senti pronto pra dar mostra parcial dos fantasmas que ocupavam meus pensamentos, fantasmas que foram também as vezes em que me senti constrangido por ser quem eu era, educado sob a ideia de

ser duma família negra, ideia que virou minha identidade, e moldado num fenótipo brutalmente destoante daquela identidade, dois fatores que, combinados, me expulsaram pra sempre das generalizações do jogo esse é preto esse é branco, me dando um imenso não lugar pra gerenciar, fantasmas que me fizeram ser, inclusive na acachapante miopia do novo governo, a pessoa adequada pra estar ali.

Não guardei na memória o que eu disse no início da minha fala, mas lembro quando, depois duns minutos, percebendo nos olhares deles que, feito eu, não tinham muita certeza do que estavam fazendo naquela comissão, atalhando a ritualística da primeira interação, respirei fundo, disse que eu só estava autorizado a me apresentar diante dos oito porque teve um dia, um implacável dez de agosto de mil novecentos e oitenta e quatro, que, apesar dos anos que se passaram, continuava girando dentro da minha cabeça, turbilhão num eterno tempo presente, um dia em que testemunhei e vivenciei, como nunca tinha testemunhado e vivenciado, toda a covardia da hierarquização das cores de pele praticada no Brasil, toda a covardia dum massacre psicológico, dum distúrbio psíquico de larga abrangência social, que não ia acabar tão cedo, um dia que tinha me deixado louco por um bom tempo, mas depois tinha me feito reagir com violência e depois com alguma lucidez. Foi quando os oito começaram a me escutar.